

Sarney adota estilo agressivo e revida ataque

Brasília — Moreira Mariz

BRASÍLIA — Enfático, decidido, agressivo e até mesmo irritado. Este foi o presidente José Sarney que os telespectadores viram ontem na entrevista exibida a partir de 21h30 na TV Bandeirantes para responder aos candidatos à Presidência que o atacaram no primeiro debate da campanha à sucessão, levado ao ar pela mesma emissora na semana passada. Esta apresentação de Sarney marcou a mudança de sua postura neste final de governo, atendendo aos conselhos de seu secretário particular, Augusto Marzagão. Um assessor do presidente garantiu que, daqui para a frente, ele vai responder em tom enérgico a todos os ataques, e determinou que todos os seus ministros façam o mesmo, não deixando nenhuma agressão sem revida.

Nos 75 minutos de programa, o presidente não conseguiu, entretanto, explicar porque levou 150 pessoas a Paris: "A comitiva oficial foi de 15 e não levamos ninguém que não fosse absolutamente indispensável". Criticou a imprensa: "O poder da mídia é maior do que o poder do Estado (...), muitos setores da imprensa que me criticam não podem falar em nome do contribuinte porque não pagam impostos de importação de papel". Sarney deu um recado aos eleitores, ao falar que tudo que ele está sofrendo hoje é consequência de uma crise que vive o Estado: "O político que chegar aqui dizendo que vai resolver o problema nacional no futuro mandato, sem unir o Brasil, não vai conseguir. Vai enganar o povo, vai fazer demagogia durante a campanha".

Abandonado — O presidente, após lembrar que foi completamente abandonado pelos políticos em seu governo, disse que aceitava conversar com os candidatos à Presidência da República para a formação de um pacto que favoreça um clima tranquilo para que se chegue a 15 de março com menos problemas dos que existem hoje. Para ele, não há o menor risco de hiperinflação — "ela (a inflação) se manterá nos atuais patamares até o final do governo, em torno de 30, 35%". Lembrou, ainda, que embora o presidente Tancredo Neves tivesse prometido elevar o salário mínimo em quatro anos, ele conseguiu fazer isso muito antes, em julho de 1986. E citou um aumento real de 30%.

O presidente queixou-se de ser culpado de tudo. "O governo Sarney, ou melhor, o Sarney é responsável por tudo que acontece no país, se chove demais, se deixa de chover. Adotou-se uma forma simplista de escapismo".

Em um dos momentos de grande irritação, o presidente fez questão de dizer que era "óbvio" que receberia o oficial de Justiça que iria notificá-lo sobre a viagem a Paris. "Eu nunca deixei de respeitar a Justiça. Nós estamos dentro de um regime democrático e considero essas críticas como patrimônio do meu governo, da liberdade que nós colocamos".

Veemência — Sarney respondeu com veemência também quando acusaram o governo de não ter cumprido a sua parte na redução do déficit público, durante o Plano Verão: "Uma versão não verdadeira", disse ele, apresentando estudos, planilhas e vários dados e anunciando que no primeiro semestre não houve déficit. Apresentou números também para desmentir notícias de que 150 mil funcionários públicos haviam sido contratados em seu governo. "Em 1985 eram 596.681 e hoje são 592.512, ou seja, menos 4.169 funcionários" — acentuou.

O presidente declarou não vai apoiar nenhum nome à sucessão, e que não vai se candidatar a mais nada. "Aliás, eu não sou ambicioso e nunca quis ser presidente da República". Ressaltou ainda que não acreditava que o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, tenha dito que apoiará Collor de Mello, e garantiu que mesmo que qualquer auxiliar seu queira se empenhar em algum nome, não permitirá que a máquina governamental ajude qualquer candidato.

Sobre as denúncias de corrupção em seu governo, o presidente Sarney anunciou que mandou apurar todos os casos de que tomou conhecimento, mas que prefere ser acusado de omissão do que de injusto.

Para dar o novo tom em seu estilo de governar, o presidente está até lendo um livro de um filósofo britânico, John Lucke, que fala até onde deve ir a tolerância.



Sarney: "O poder da mídia é maior que o do Estado. Cria fatos que não são verdadeiros"

Principais trechos da entrevista

Viagem

"A viagem a Paris era a mais importante que tínhamos que fazer este ano, porque o diálogo Norte-Sul, entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, foi uma reivindicação nossa, feita na Conferência de Punta Del Este. Combinei com os presidentes Alfonsín (da Argentina) e Sanguinetti (do Uruguai) que nós iríamos juntos para mostrar a unidade da América Latina. Para esta viagem eu tive que me preparar; não pense ninguém que isto é viagem de turismo. Tive que estudar assunto por assunto. Eu não posso chegar perante um presidente e outro sem saber os assuntos que vão ser tratados. Eu inaugurei a política da diplomacia presidencial. Nem uma das reuniões de que participei como presidente da República, eu deixei de colocar este país à altura, porque me preparei para todas essas viagens. A comitiva foi composta de 15 pessoas, o que foi publicado no *Diário Oficial*."

Imprensa

"O poder da mídia é maior do que o poder do estado. Ela é capaz de criar fatos que não são verdadeiros. A comitiva da viagem à França de que falaram não existiu. O que existe é a comitiva que vai de acordo com o procedimento da Presidência da República, que eu não criei, está na lei. Um presidente de um grande ou pequeno país não pode chegar sem um apoio de segurança, de imprensa, de serviço médico, de assessores. Se fez crítica dizendo que era uma viagem desnecessária, que o presidente foi assistir festejos. A carta que fiz ao presidente Mitterrand teve a divulgação na imprensa inteira da França, da Europa, do mundo inteiro, dos Estados Unidos. Mas a pauta da imprensa para Paris foi nada de coisa séria; queremos mordomias, só mordomias. Não levamos ninguém por conta do governo que não fossem aqueles indispensáveis à segurança, ao apoio do presidente. É uma extrema insinceridade a crítica feita por determinados setores da imprensa brasileira em nome do contribuinte, quando esses setores são aqueles que não podem falar em nome do contribuinte porque recebem incentivos fiscais, não pagam imposto de importação. Eles recebem dinheiro do contribuinte, que não é para o presidente viajar a Paris e representar o Brasil, mas para que os seus balanços sejam os melhores de sua história. Não pagam importação de papéis que são utilizados para as suas indústrias. Eu até hoje não fiz qualquer processo contra jornalista. Ninguém mais do que eu tem noção da necessidade da liberdade de imprensa e de apoio a essa liberdade."

Plano Cruzado

"Na reunião que fizemos dentro do Palácio para aprovar o Plano Cruzado, tive oportunidade de dizer estas palavras: 'Eu sei que estou colocando minha cabeça na guilhotina, porque é um plano extremamente perigoso, porque temos que ter apoio'. Veio o Plano Cruzado. Depois eu votei no Plano Bresser. Depois votei no Plano Verão. Mas hoje eu posso dar um depoimento. A inflação não será debelada no Brasil, nem em lugar nenhum do mundo, por economistas. Ela será debelada por po-

liticos, com o apoio da sociedade. Por quê? Só com os políticos, com o apoio da sociedade, se pode tomar medidas que não pudemos tomar."

Inflação

"Eu não criei a inflação. A inflação, no Brasil, é crônica. Depois da Segunda Guerra, ela vem se processando em determinados patamares com a influência externa. Quando ela chega ao primeiro choque do petróleo, eleva o seu patamar. Quando chega no segundo choque do petróleo, vai elevando o seu patamar. Quando chega no aumento da taxa de juros internacionais, também aumenta o seu patamar. Quando assumi, a inflação já era 360% anual. Mais do que isso até um pouco. Estava numa curva ascendente. Por que? Porque nós estávamos recebendo ainda o reflexo das taxas de juros. Também se deve dizer que corresponde ao meu governo o fato de que eu tive um cerco internacional muito grande. Os organismos internacionais fecharam para o Brasil. Quem está ganhando com a inflação são os especuladores. São aqueles que sempre ganharam com a inflação. A inflação sempre passou a ser um bom negócio. Passou a ser um negócio, hoje, não só daqueles que ganham com a inflação, mas também até se estabeleceram firmas para explicar a inflação. Esse pessoal dos oligopólios não respeitou os preços e não respeita. Eles aumentam. Se avisam: vai haver uma hiperinflação, eles resolvem aumentar 4, 5, 6 vezes mais para se defender de uma hiperinflação, porque deu uma notícia no jornal sobre isto."

Receitas Públicas

"O Estado brasileiro detinha 57% das receitas públicas com ele. Nós estamos reduzidos a 35%. Nós temos de receitas brutas da União 9,6% do PIB nacional. Nós transferimos destes 9,6% para os Estados 2,6%. Nós pagamos de juros internos das dívidas do Estado 1% do PIB. Pagamos dos juros externos 1,4% do PIB. Nós ficamos então reduzidos a 4,6% de uma renda líquida. Dessa renda nós pagamos com pessoal 3,9%. E o Estado dispõe de 0,7% do PIB nacional para enfrentar todos os problemas."

As contas do presidente sobre as receitas que restam ao governo federal estariam corretas se ele esclarecesse que está tratando do que se arrecada com a cobrança de impostos e com as contribuições do Finsocial, salário educação e Pin Proterra. O presidente esqueceu porém de informar que a União ainda dispõe de recursos advindos de contribuições à Previdência Social, de empréstimos e do lucro obtido pelo Banco Central no gerenciamento da dívida pública interna. Esta parte da receita esquecida pelo presidente, é calculada pela equipe do deputado José Serra (PSDB-SP), relator da Lei de Diretrizes Orçamentárias, como algo superior a 10% do PIB, maior portanto que os 9,6%.

Salários

"Eu acho que os salários, no Brasil, são baixos. São muito baixos. Agora, nós temos dois países. Nós temos um país de 60 milhões de habitantes que têm padrão de vida europeu. E temos um outro país que tem padrão de vida igual ao Chade, na África, que é um

país de 80 milhões de habitantes. Essa é a grande contradição nacional. Agora, se eu pego a evolução dos salários reais aqui no gráfico, nós vamos verificar, neste gráfico, cuja fonte é o IPEA, que há uma permanente ascensão de ganhos reais nos salários. Eles não são à altura daquele ponto de salários que todo o mundo necessita. Mas há esse esforço dentro desta economia, pelo menos no que diz respeito à parte do governo, e se nós pegarmos aqui, nós verificaremos que aqui está o índice 100. Eu recuperei as perdas que encontrei. Eu me lembro que o Tancredo dizia que ia recuperar as perdas nos quatro anos. Pois em julho de 86 essas perdas tinham sido recuperadas e os salários chegavam ao pique. E aqui nós verificamos que foi nesse período que essas perdas foram todas recuperadas e que são mais elevadas. Então, o que eu tenho a dizer é o seguinte: eu acho que realmente o salário no Brasil é baixo. Agora, no que depende do governo, eu tive a preocupação de preservar o salário. Com a inflação alta eu encontrei a semestralidade. Quando eu cheguei ao governo a correção era semestral. Se lutava pela trimestralidade. Nós implantamos a correção mensal, justamente para defender, para que não houvesse essa deterioração que há em matéria de salário."

Funcionalismo

"Se espalhou no Brasil que nós contratamos 150 mil pessoas durante o período do meu governo. Eu estou com os dados, aqui, da Seplan. Quando eu assumi o governo, em 85, nós tínhamos na administração direta e nas autarquias 596 mil 681 funcionários. E hoje, nós temos 592 mil 512 funcionários. Quer dizer, nós diminuímos, neste período, 4.169 funcionários da administração pública direta e das autarquias. E mais do que isto, desde o princípio nós tivemos decreto proibindo a admissão e, ao mesmo tempo, dizendo que nós só podíamos repor o pessoal que estava. Mas se disse que eu nomeei 150 mil. Todo o mundo, hoje, diz: nomeou 150 mil. O que é que eu posso fazer, se o Sarney é o culpado de tudo?"

O Tribunal de Contas da União e a Comissão Mista de Orçamento do Congresso surpreenderam-se com os dados apresentados pelo presidente José Sarney sobre o número de funcionários públicos federais. Até ontem, os dois órgãos sustentavam a certeza de que a União não sabia a quantos empregava. Foi por isto que o TCU criou um programa de cadastramento do funcionalismo público, ainda em andamento, e que a Comissão de Orçamento condicionou as dotações orçamentárias para 1990 à apresentação, pelos órgãos públicos, de uma relação contendo todos os nomes dos seus servidores. O presidente revelou um número que todos julgavam inexistente. Há contradição entre a informação dada ontem, de que teria extinguido em seu governo 4.189 vagas no serviço público, e uma outra que veiculou no final do mês de junho do ano passado, no programa *Conversa ao pé do rádio*, dando conta de que até aquele momento teria suprimido 11.904 vagas no serviço público.

A entrevista mais tensa do presidente

SÃO PAULO — Foi a entrevista mais difícil da vida de José Sarney. Em alguns momentos, o presidente não se conteve e deu murros na mesa durante o programa, transmitido às 21h30 de ontem pela Rede Bandeirantes. Em outros momentos, a veemência de suas explicações o exaltou tanto que lhe enrubescou o rosto. No fim da gravação, o presidente desabafou nos bastidores, em tom meio sério, meio brincalhão:

— Nunca estive tão rodeado de algozes como hoje.

A tensão, entretanto, não se restringiu a Sarney. Apesar de experiente, a jornalista Marília Gabriela, que serviu de mediadora, confessou que foi a entrevista mais tensa de sua vida. Afinal, normalmente, depois de uma cobrança vem um momento de descontração. E na entrevista de Sarney não houve isso. Foram 73 minutos de fogo cerrado.

Embora tenha sugerido o programa à TV Bandeirantes, para rebater as críticas que ele e seu governo receberam nos dois debates de candidatos já apresentados pela TV, o presidente Sarney não tentou qualquer interferência na pauta dos jornalistas da emissora — além de Marília, José Au-

gusto Ribeiro, Fernandes Mitre e José Paulo de Andrade. Antes de iniciar a entrevista, Marília indagou ao presidente se ele gostaria de conhecer os temas. Não quis, mas não escondeu sua surpresa com a agressividade dos repórteres no último bloco de perguntas, ao comentar o grau de democracia existente no Brasil: "Este é um país em que o presidente vem aqui e ouve perguntas como as de vocês".

Murros — Programada para 45 minutos, a entrevista atingiu 73 minutos, o que deu mais de uma hora e meia com os intervalos publicitários. Apesar da presença de dois assessores — Napoleão Sabóia e Augusto Marzagão — num estúdio da TV Bandeirantes em Brasília, o presidente não pediu ajuda ou recebeu sugestões em nenhum dos intervalos do programa. Nas curtas interrupções, que no estúdio não chegaram a mais de um minuto, Sarney tomou goles d'água e consultou papéis de uma pilha que levava.

Preocupado com a imagem, perguntou, num intervalo, a Fernando Mitre se tinha se exaltado, ao responder a uma das perguntas do bloco anterior. Ao afirmar que o governo exigiu sacrifícios da população no combate da inflação, mas não fez sua parte, Mitre foi interrompido por Sarney, que contra-argumentou, elevando a voz: "Fez. Fez. Os números estão aí".

Ante o conselho de Mitre, que disse que quanto maior fosse a exaltação, melhor seria o resultado final do programa, Sarney não se conteve mais. Em janeiro deste ano, ao entrevistar o presidente para o programa *Cara-a-ca-*

ra, Marília registrou apenas um murro na mesa desferido por Sarney num momento de exaltação. No programa de ontem, os socos foram inúmeros.

— Naquela época, ele parecia ter esperança. Hoje, é um homem sofrido, sozinho — comenta Marília Gabriela.

Paris — Apesar da diversidade de temas, a pergunta sobre a viagem a Paris para as comemorações do bicentário da Revolução Francesa foi a que mais irritou o presidente. Uma longa resposta, pontuada de gestos aflitos, teve até momentos de voz embargada. Mas coube a Marília a pergunta que deixou Sarney mais fundamentalmente tenso. Quando a repórter indagou sobre o apoio que "seu fiel ministro Antônio Carlos Magalhães" estaria dando à candidatura de "seu inimigo" Fernando Collor de Mello, Sarney mudou de tom e disse que não acreditava na informação. Antes de deixar o estúdio da Bandeirantes, Sarney ainda se voltou para Mitre, sem que este tivesse voltado a abordar o assunto e disse:

— Não acredito que o Antônio Carlos tenha feito isso. Não acredito.

Embora tenha deixado o estúdio perguntando a seus assessores se não tinha se excedido — "Eu me exaltei muito?" — Sarney não sugeriu cortes na entrevista, que foi ao ar exatamente como ocorreu. Satisfeito com o programa, Mitre apostava, no fim da tarde de ontem, que Sarney conseguiria o dobro da audiência registrada no debate entre os candidatos que debatem suceder-lhe. E, de quebra, tinha certeza de que o programa seria reprisado a pedidos do público.